

LOZZI

A tentativa de Nenhof falhou, mas não foi inútil, porque é dela que data o cuidado pela defesa da criança e pelo seu destino.

As instituições oficiais e particulares de protecção à

A UNIFICAÇÃO DO MUNDO

por Viriato Gonçalves.

HA um curiosíssimo livro de Guilherme Ferrero, intitulado *A Unidade do Mundo*, em que o consagrado historiador da *Ruína da Civilização Antiga* defende a teoria de que os movimentos da nossa época tendem a unificar o mundo.

Só uma discrepância queremos notar nessa obra — é a parcialidade injustificada num historiador, quando afirma que o início dessa unidade se deve a Cristovão Colombo, genovês para uns, espanhol para outros, português para alguns. E dizemos injustificada, porquanto no nosso tempo nenhum historiador tem o direito de ignorar os trabalhos de vulgarização e de erudição em que se mostra duma maneira insofismável que os Portugueses, antes de qualquer outro povo, seguidos pelos Espanhóis, foram os iniciadores dessa unidade. Exposta esta divergência de concepção histórica, vejamos o que tem sido a marcha do mundo para a sua unificação.

Quando o homem apareceu na terra, o seu isolamento e limite de acção levaram-o à ignorância de que outros homens havia e se tinha alguma concepção do mundo, identifica-o, logicamente, com a terra que habitava.

Pouco a pouco, com o decorrer dos séculos, necessidades económicas, guerreiras, religiosas, imperialistas, levam-o a alargar o seu campo de acção, conhecendo novas terras e novos homens. E se o isolamento provocou o egoísmo, foi mais tarde o egoísmo fruto da confraternização social. Vieram as guerras e os extermínios, as usurpações e os despotismos. E de todas as negações da Liberdade surgiu o conceito da Liberdade. E o homem habituou-se a respeitar os outros para ser respeitado, rendeu culto à Liberdade para combater a escravidão. Assim foi surgindo a Civilização. Mas para que serviu o mundo, se as raças que o habitavam viviam em constantes conflitos? Não eram todos homens, habitantes do Universo?

E lentamente, sem um acôrdo íntimo de aspirações, sem a existência duma civilização espiritual, foi a civilização material com os seus desenvolvimentos técnicos, os caminhos de ferro, as pontes, os túneis, os canais, a telefonia, que com a sua irradiação pôs em contacto todos os povos do Universo.

Hoje seria ridículo e impossível a existência dum país que, como a China de outrora, procurasse muralhar o seu isolamento. O Mundo tende para a sua unificação.

criança, o reconhecimento dos direitos da infância, emanam de Pestalozzi, dos seus institutos, dos seus sacrifícios, dos seus livros, em que afirmou princípios perfilhados em todos os povos modernos.

«Vivi — dizia mais tarde Pestalozzi, evocando aquela época — durante anos inteiros rodeado de crianças mendigas; dividi com elas o meu pão; vivi, por minha vez, como um mendigo, para ensinar os mendigos a viver como homens».

A vasta obra de literatura social e pedagógica de Pestalozzi testemunha que todos os seus cuidados e pensamentos continuaram a ser dedicados à educação geral do povo, não obstante os amargos desenganos que não podemos pormenorizar. *Os Serões dum Solitário*, *O Leonardo e Gertrudes*, *Como Gertrudes Ensinava os Filhos*, *O Livro das Mães*, provam que o autor dirigia os seus nobres esforços no sentido de obter um rejuvenescimento enérgico da sociedade e não via a criança como um ser abstrato, mas como um ser social em relações concretas, verdadeiramente naturais.

A acção desenvolvida no orfanato de Stanz é tão extraordinária, quer sob o aspecto sentimental, quer como experimentador de novos processos educativos, que bastaria para o immortalizar. E' ali que surge a idea que determina a influência posterior de Pestalozzi, idea basilar das investigações e actividades no campo educativo: a *educação elementar*. Um princípio essencial vai orientá-lo daí em diante: o de que a educação intelectual — o ensino da *cabeça*, como a moral — o ensino do *coração*, — como a técnico-estética — o ensino da *mão* — partem dos elementos iniciais mais simples, podendo elevar-se somente baseando-se nêles, em marcha ininterrupta, até alcançar os demais graus superiores. Os seus trabalhos pedagógicos e práticos e as considerações de ordem teórica giraram em torno daqueles princípios elementares, nos quais Pestalozzi reconhece existir a força mais poderosa, pois contêm, como que em germen, toda a evolução ulterior.

A doutrina e a prática da escola activa do nosso tempo baseiam-se exactamente nos mesmos princípios, traduzidos da máxima de Pestalozzi — o respeito pela espontaneidade da criança, cujo desenvolvimento é trabalho autónomo e não da natureza exterior ou da sociedade. E' certo que também influem as circunstâncias que podem ser proveitosas para a educação, mas somente quando saibamos prepará-las para tal fim.

Depois de Stanz (onde Pestalozzi desempenhou o papel de pai, professor, economo, criado e, a bem dizer, também, de mãe vigilante, limpando as crianças da tina e dos parasitas) regou uma classe na escola primária de Berthoud e, em 1803, foi dirigir um Instituto em Yverdon, onde o grande geógrafo Carlos Ritter aprendeu, como confessa, os processos de ensinar a ciência que o immortalizou. Foi ali que Pestalozzi passou o período mais brilhante da sua vida. De vários países da Europa e até da América do Norte acorreram os alunos que iam juntar-se a Pestalozzi, para se tornarem professores: príncipes, fidalgos, funcionários e pedagogos ali acudiam para conhecerem a instituição e os seus homens. Dali devia emanar uma nova orientação educativa que havia de espalhar-se por toda a parte.

De Yverdon, Pestalozzi iluminou o mundo, até que as dissidências intestinas provocaram alterações e processos escandalosos, em que Pestalozzi se viu envolvido.

Pobre, exausto e desesperado, voltou a Nenhof, ao retiro que nunca quisera vender, na esperança de obter a consecução do seu velho sonho: angariar fortuna para fazer da herdade uma casa de educação para crianças pobres. Sonho irrealizável! Mas foi com verdade que êle pode afirmar, no *Livro das Mães*:

«As formas do meu método perecerão, mas o espírito que o anima viverá sempre».

Também o eminente fundador da escola de trabalho, Jorge Kerschensteiner, fechou com chave de ouro o seu notável livro *A Alma do Educador*:

«Só na plenitude da forma social da vida devemos buscar o ideal do mestre e do educador. A salvação da escola primária não está em Kant nem em Goethe, mas em Pestalozzi».

Eis, a largos traços, a biografia do maluco sublime que se chamou Henrique Pestalozzi, e a quem a humanidade deve tanto.

Cardoso Júnior.